



fol. 177.  
fol. 178.  
fol. 179.  
fol. 180.  
fol. 181.  
fol. 182.  
fol. 183.  
fol. 184.  
fol. 185.  
fol. 186.  
fol. 187.  
fol. 188.  
fol. 189.  
fol. 190.  
fol. 191.  
fol. 192.  
fol. 193.  
fol. 194.  
fol. 195.  
fol. 196.  
fol. 197.  
fol. 198.  
fol. 199.  
fol. 200.

*Manuscrit*

SOLILOQUIOS  
EM QUE HVM PEC-  
CADOR ARREPENDIDO

fala com Deos ; disposições para  
bem se confessar, & indu-  
strias para bem  
morrer;

*ACHARANSE EM HVM ESCRIT-  
torio do senhor Dom Antonio, Principe Portuguez,  
escritos de sua propria letra, na lingua Latina, com  
tradução, que era obra de seu grande iuizo, & con-  
fissoes feitas pelo seu arrependimento: agora  
traduzidos, & pouco acrescentados, para  
melhor cadencia, da lingua  
Portuguesa.*

Pelo Ddutor Fr. Iorge de Carualho,  
Religioso do Patriarcha S. Bêto, Rey-  
tor do Collegio de N. S. da Estrella  
Calificador do S. Officio.

*Dedicado á senhora Dona Mariana Jose-  
pha da Sylua, filha de Francisco de  
Sã, & Meneses, & da senhora  
D. Margarida da Sylua.*

*Em Lisboa. Com licença. Por Paulo Craesbeeck*



# L I C E N C I A S .

**V**istas as informações, que se ouueraõ, podemse imprimir estes Soliloquios, & depois de impressos tornaraõ ao Conselho para se conferirem com o original, & se dar licença para correr, & sem ella não correraõ. Lisboa 23. de Dezembro de 1652.

*Francisco Cardoso de Torneo.*

*Pantaliaõ Rõiz Pacheco.*

*Diogo de Sousa.*

Podese imprimir. Lisboa em 11. de Janeiro. de 653.

*O Bispo de Taya.*

*Licenças.*

**Q**ue se possa imprimir este Soliloquios, vistas as licenças do S. Officio, & Ordinatio, & impressos virão á mesa para se taixar, & sem isso não correrão.  
Lisboa. 14. de Janeiro de 653.

*Pinto. Almeida. Leitão.*

Podem correr estes Soliloquios.  
Lisboa 18. de Feuereiro. 1613.

*P. da Sylua. de Faria. F. Crdoso de Torneo.*

*Pantaliaõ Rõiz Pacheco. Diogo de Sousa.*

*Fr. Pedro de Magalhães.*

Taixaõ este liuro em hum vintem em papel. Lisboa 3. de Feuereiro 653.

*D. P. P. Pacheco. Leitão.*

A SENHORA D.

Mariana Iosepha da

Sylua, &c.



*Este papel, que na lin  
gua Latina fez o S.  
D. Antonio Princi  
pe Portuges, e q̃ na  
Portuguez a, traduzio o Doutor  
Fr. Iorge de Carvalho, Religioso  
de S. Bento; tme industria, para  
me vir a mão, e me pareceo  
obra tão digna de chegar à noti-  
cia de todos, que a furto a quiz  
imprimir, para sabermos apu-  
star as contas, que com tão rigu-  
roso extremo, nos hão de tomar,*

## Didicatoria.

na morte; E como v. m. ha tão poucos meses, q̄ tem entrado na vida, q̄so sete della, lhe tem cõta- do de idade, me pareceo, q̄ a emẽ da de pecadores, so a hũ Anjo se deuia de dedicar, E o arrepe- dimento de culpados, a quem a- inda daqui a muitos annos, não pôde cometer culpas: liuro que trata da emenda de criminosos, que melhor sombra auia de bus- car, que o amparo, de hũa inno- cente? Papel, que escreue, as la- grimas dos que estão vesinhos à sepultura, onde ensinarà melhor desenganos, que nas lagrimas do  
ber-



## Dedicatoria.

berço? Os que nestes Soliloquios, podem aprender seguranças para suas desordens, leãoos, hũa innocente, que ainda os não poder ler, ampareos, que mais defende, a innocencia com o que cala, que muitas vezes, a melhor rectorica, com o que diz. Nos Telles, nos Meneses, E nos Sylvas, appellidos illustres, dos esclarecidos Años, de v. m. pudera eu buscar, protecção, para este meu desuello, como muitos pretenderaõ, para o que imprimiraõ; mas eu como estampo as memorias confessadas dos mayores

res.

# Dedicatoria.

res peccadores, busco o escudo da  
graça, em que v. m. vive, e  
com que está hum Anjo, pa-  
ra o ser da guarda deste  
papel. 1. de Dezẽ-  
bro de 652.

Paulo Craesbeeck.

## SOLILOQUIOS,

em que hum peccador arrependi-  
do, falla com Deos; disposiçõẽs  
para bem se confessar; &  
indústrias para  
bem mor-  
rer.

## SOLILOQUIO I.



Vem fora tam ditoso, que  
fizera dos olhos duas fon-  
tes de lagrimas, para que  
com cõtinuas magoas do  
coraçãõ, & com repetidos  
sentimentos da alma, chorasse amargo-  
famente os bens que perdi na graça, &  
os males que grangeei na culpa! Oh q̃

## Soliloquios

presente tenho em minha memoria a grande, & manifesta causa de minha tristeza, lembrandome os annos descuidados de minha mocidade, & os dias perdidos de minha vida ! Nesta contemplação, desalentados os esforços no que confidero, se desfmayão os espiritos no que medito. Conheço para mayor pena minha, qual tenho sido, & qual para bem auia de ser; & porque se iguale a desgraça, ao sentimento, não conheço o que sou, & só me receo do que ferei. Mas oh desgraça digna de innundações de lagrimas, que quando me conheço mais intimidado, me experimento menos sentido. Prouuera a Deos q me doera mais, para que temera menos; porem desuenturado de mim, que auendo tanto tempo que Deos me chama com os anifos, ainda não acordo para os sentimentos. Despertame com as vozes, & eno não ouço cõ os descudos: bateme as portas do coração, & enhe

tenho

tenho fechadas as ginelas da alma. Dores de morte me cercaõ ; & ainda que magoado de exteriores sentimentos, as magoas que daõ vida á alma , não me magoão ; não finto as dores com que me atormenta a velhice , porque todo sou hum varaõ de dores , desde minha mocidade. He certo que todos os dias de minha vida passei do endome, & ainda agora me doo mais , porque do endome tanto , não me sei doer, do que realmente me auia de lastimar.

O maravilhosa sabiduria de medico, para curar minhas chagas ! O immensa bondade de Rey, para perdoar meus delictos ! O engenhoso liberal no repar tir beneficios, que atè com as penas, nos sabeis grangear glorias; que dais tristezas muitas vezes, porque nos não matè as alegrias; que dais dores , que acabaõ, porque não tenhamos tormentos, que sempre duraõ: affligis o corpo, para que descance a alma ; magoais para sarar,

# Soliloquios

matando refucitais. Porem oh sentimento sem consolação, que a medicina occulta, que me comunica vossa piedade, antes a recebo constringido, que voluntario: não a estimo como remedio forçoso, senão como remedio forçado; & este antidoto, para o veneno de minhas culpas (com o qual, ainda que parece que me estais ferindo, he certo q̄ me estais curando) eu o não conheço como fauor, pois vos peço, que me tireis as dores para viuer, sendo infaliuel, que sem ellas não hei de poder sarar. Como sem tormento ha de querer a saude, quem por suauidades veyo a grã gear a doença? Pois meu amãte Deos, se magoando sarais, & dais males, para comunicar bens; reparti comigo tristezas, que se conuertão em alegrias, penas que se mudem em glorias, & dores que venhaõ a ser verdadeiros descansos.

## SOLILOQUIO II.

**Q**Ve apressados passãõ os dias, que diligentes correm os annos: & eu triste sem ventura depois de tantos successos lastimosos, depois de tantas tragedias lamentau eis, nem me emmendo de meus peccados, nem me arrependo de minhas culpas: & quando auia de assegurar os remedios, torno a recair nas conualecencias, acrescentando todas as horas, aos erros que ja passãõ, os descudos, que agora são, não me emmendando, do que tenho sido, antes sendo peccor, pelo que de presẽte sou, vnindo ás faltas que ja passaraõ, os crimes que agora são. Que hey de fazer, Senhor, quãdo chegar a hora do vossõ juizo, & o instãte vltimo da minha conta: quando reo vos estiuer vendo juiz? Onde me esconderei dos ameaços da vossa indignaçãõ, & do rosto tremẽdo

## Soliloquios

de vossa ira? que desculpa hei de de dar no tribunal rectissimo de vossa justiça, quando tam miudamente até dos quadrantes mais indiuisiueis, do tempo mal gastado de minha vida me auéis de pedir razã? Que vos hei de responder? que desculpas vos hei de dar? Que me feruirá de descarga, quando vos vir sentado em hum trono de grande magestade, em hum tribunal tremendo de immenso poder, & me obrigardes a dar conta do talento, que no Bapuztismo me entregastes, até o vltimo alento de minha respiraçaõ? Direi por ventura (ou por desgraça) enuergonhado de meus erros, & corrido de tantas faltas, que me faltaõ palauras para a resposta, & razoës para a desculpa? E q̃ pois vós me criastes, como omnipotente, & me remistes com o preço de voffo sangue, como misericordioso, que respondais por mim, pois eu me conheço indigno de vos responder a vós? E quando



do finalmente obrigado haja de dar resposta, das conueniencias que interessei pelo talento da graça, que me entregastes, estremecido diga, que o perdi pela culpa, & que tam fora estiue, de que tam grandes interesses me interessassẽ, que antes perdi os interesses, por viuer desenuoltamente pelas regras dos appetites, dissipando libidinoso, o que era razaõ que interessasse casto, viuendo como bruto, quando vòs me criastes, por vossa piedade homem? Mas para q̃ necio, chamo vida, àquella que os defenganos me tem mostrado morte? Quem viue sem vòs, morre; quẽ morre por vòs, viue. Eu quando sem vòs, cuidaua que estaua viuo, entãõ era certo que estaua morto, porque sem a vida verdadeira, tudo he vida mentirosa; & tão pouco viui com vòsco, que efficazmente me lembra, se algum instante viuemos ambos; & se a vida do culpado he morte, oh Senhor, que propria-

## Soliloquios

primamente direi, que primeiro fui morto, que viuo; primeiro me vi acabãdo, que naturalmente viuendo, primeiro espirei, que nasci: ainda perfeitamente não sabia que cousa era vida, quando ja vos tinha perdido, ò vida milagrosa das vidas, suprimdo a malicia de muitas faltas, a limitação extrema de meus primeiros dias, mal parido, quando ja culpado, & quando ainda estaua innocente nos erros, ja pagaua cõ lagrimas, a ignorancia da culpa. Chorei quando naci os peccados alheos, que ignoraua, & quando homem, não choro os mesmos crimes que sei: chorei ignorando o que agora não choro sabendo: derrãnci lagrimas pelas perdas commuas da natureza, não sabendo chorar agora a particular ausencia da graça. A poucos annos de vida, tiue muitos seculos de maldades; & quando a meninice costuma acompanhar-se da pureza, por beneficio da innocencia, eu a acompanhaua

nhaua da desenuoltura, por inclinação de minha maldade, sendo mais obscuro no que obrava, que puro no que viuia, escurecendo o coração com sombras, para que não distinguisse, entre o tenebroso de minhas falturas as luzes resplandecentes de vossos auxilios. A mocidade, enfraquecida nos delictos, não fazendo diligencia pelos remedios, entre lasciuos passatempos, que a diuertião, tam voluntaria se precipitava nos abissos de suas deuações, que me parece agora, que ao inferno descera por poder satisfazer os desejos. Passei, da puericia à adolescencia, & quando era razão que me melhorasse com o tempo, peorei com os annos, fazendo minha alma, com os cuidados mundanos, que occupauão, com os amores illicitos, que a entretinhão, hũa brenha inculta de sylvas, & hũa morada indomita de feras, com que acompanhada dos escorpiões do inferno, corria to-

# Soliloquios

das as horas despenhada para os perigos da morte, & para os pegos inexhaustos de minha condemnação. Os dias da mocidade, gastados torpemente passaraõ cõ diligencia não imaginada, & achãdome homẽ pelos annos, ainda me cõsidero menino pelas ignorãcias; quanto mais grande pela idade, tanto mais abominauel pelas torpezas. Fui moço, & vendome mancebo, auendome de dominar a virtude, sempre me dominou o vicio. Velho me cubrio a idade, de brancas, & nem com ellas em mendi os costumes: caminhei sempre pelos atalhos da perdição, achando cõtinuamente manifestas, as estradas do remedio, & sendo taõ antigo pela idade, inda me conferuo menino, pelos appetites, sendo hum caduco rapaz, ou hu rapaz que caduca. Não me lembra que em nenhum estado fosse innocente, para vos pedir que quando me julgardes, respeiteis antes ao tempo de minha innocen-

nocencia, que aos séculos de minhas malicias. Iusto sois, Senhor, rectíssimo he o vosso juizo, pagais conforme o trabalho, dais a coroa conforme foi a batalha, distribuindo os premios pela medida rectíssima dos serviços, donde eu receo a minhas obras grande castigo, porque todas foraõ filhas das treuas, & eu desde principio, obreiro da maldade, & artifice da culpa, seguindo as pisadas do vieio, & os caminhos a que me conduzião os peccadores: descansaua nas abominações, assi como o animal immundo acha dilicia no lodo, & como se apaçenta delectosamente nas cascas das amargosas bolotas, assi a mim me seruiraõ de sustento as mentiras, que me contauão, & os enganos q̄ fingia, fazendo mais caso das ociosidades que obriguauão a rizo, que das conueniencias, que me aconselhauão as verdadeiras utilidades, estimando mais as apparencias enganosas, que os mercedo

## Soliloquios

mentos verdadeiros. Communicaua cõ os mal acostumados, desuiandome da conuersação dos escolhidos, fazendo gloria da malicia, & mostrandome poderoso nos desconcertos. Sempre escusei meus delictos, não acertando uunca a acufar minhas culpas, cõ que fiz mais irremediaueis os laços do coração; & a tal estado me reduzio minha inclinação preuertida, que estado minha alma morta com as deshonestidades de minha concupiscencia, tam fora estaua de lhe grangear medicinas, com que resucitala, que sò lhe pretendia venenos com que perdela, não só lhe não procurei os remedios, antes lhe estornaua os socorros, & contra quem me daua a mão para remediarme, indignado me iraua, & colerico o offendia. Persegui aos que me emmendarão, abraçando aos que me aplaudiaõ, fazendo só caso daquelles, de quem vós estaeis tão longe de fazer caso, porque amandoos

doos, vos não amauão. Estudei na escola das mentiras, na vniuersidade dos enganos passei a vida enganado, tendo por mestres, que me ensinauão os embustes, & os enredos, amando mais as treuas, que as luzes.

Vedes aqui, Senhor, quem eu fui, & quem eu sou; conta vos tenho dado de minha vida, mas que vida era esta para se dar conta? Ou que conta era esta para se contar, se por todos seus extremos, grangeei a indignação de vossa ira, podendo adquirir por ella a vossa piedade? Isto, Senhor, vos hei de responder, quando me perguntardes a mim por mim, quando me chamardes ao juizo de minhas obras. Porem, meu Deos amante, os delictos da minha mocidade, esqueçaos a vossa misericordia, & as ignorancias de minha meninice perdoeas a vossa omnipotencia. Não entreis, Senhor, em juizo com este vosso escravo, porque se não ha de justificar

car

ear na vossa presença, nenhum viuente;  
 â vista do Sol, nem os atomos mais in-  
 diuifineis se occultão, nem as liuanda-  
 des mais indeterminaueis se escondem.  
 Porem se toda vja me quereis tomar  
 contas de minha mal empregada vida  
 (porque fois hum Deos muito amante  
 do tribunal do juizo) fazei juizo co-  
 nigo, mas não vzeis do attributo de  
 vossa infinita justiça para me julgardes;  
 julgai-me, Senhor, ainda q̄ o não mere-  
 ço, segũdo o juizo dos q̄ vos amaõ, pa-  
 ra q̄ vos cãte, antes misericordioso, que  
 juiz, antes benigno, que irado. Lẽbro-  
 uos, q̄ ainda que por minhas culpas sou  
 nada, por vosso catiuo, & por obra de  
 vossas mãõs sou muito, & por humilde  
 filho da vossa escrava. Não atenteis pa-  
 ra me perdoardes, para a multidaõ de  
 minhas misérias, senãõ para a innume-  
 rabilidade de vossas misericordias, &  
 quando por meus peccadõs vos irar-  
 des contra mim, lembreus a vossa cle-  
 mencia



mencia para me perdoardes, para que nunca mais, nem vós estejais offendido, nem eu me veja culpado.

SOLILÓQUIO III.

**A**Y de mim, miseravel peccador, que irado contra minhas culpas tenho constituido a quem me remio, porque desestimava sua ley, & fiz pouco caso de seus decretos! O caminho da saluãçaõ nunca fiz caso d'elle, & como ouelha perdida da boa sombra do feu pastor, andava pelos desertos, & pelos lugares deshabitados, faltos de pasto para o verdadeiro sustento, & das sobrenaturais fontes para beber, longe do rebanho dos escolhidos, errando sempre, & não acertando nunca, subi aos penhascos mais perigosos, & aos precipicios mais inacessiveis, onde achava para o aliuio, tribulaçoẽs que me magoassem, & angustias que me op  
primis

## Soliloquios

primiffem. Nas estradas da maldade, & nos caminhos da perdição, não defcafaua, quando estaua cansado, antes tomando pelas veredas mais difficultosas não achaua os bens que pretendia, por que quando auia de buscar uos, busquei a esterilidade da terra, & a regiaõ tenebrosa da morte, onde se não acha defcanso, senão fadiga, remedios, senão pefares, aluios, senão tormentos.

Quando me vi nas honras, não as entendi, mas semelhante aos brutos uiuia como bruto, & entam os gostos se trocaraõ em dores, a cama regalada, se semeaua de abrolhos, o sono delicioso era natural retrato da morte, & quando nelle sonhaua felicidades, acordaua cõ penas. Pois agora que farei? Onde leuari os olhos para socorrer a tantos perigos? As esperanças da mocidade, já serrocarão em defenganos, & sou semelhante ao que naufraga entre as ondas, perdidas todas as riquezas, q̄ querẽ da

do contrastar a violencia das aguas, em  
vaõ se cansa, furioso o pego, & embraue-  
cido o vento. Oh que remontado con-  
sidero o porto, perdida a estrada do re-  
medio, sem atinar o caminho para sal-  
uarme! O inimigo, em todas as partes  
me tem armado redes para enlaçarme,  
& laços para prenderme, caminhado eu  
sem cautela contra os enganos, & nas  
maiores siladas com segurança. Cria  
eu infelice, que os poucos annos da vi-  
da, não estauaõ fugeitos aos duros gol-  
pes da morte, & enganado desta confiã-  
ça me entreguei aos gostos desenfrea-  
dos da sensualidade, com furor taõ im-  
petuoso, largãdo as redeas aos desejos,  
que só me governaua pela deuacidaõ  
de meus appetites, & dizia no coração  
como ignorante: Que te intimidas? No  
meyo de tua vida ja dás as contas que  
te haõ de tomar no fim extremo de tua  
morte? Moço es, largo prazo te fica, pa-  
ra te arrependeres, & para chorares, mu-  
tos

tos dias te faltaõ, & como o tempo he  
 muito, quando quizeres te conuerterâs,  
 Com este engano, fundado em engano  
 fas esperanças, enuelheci nos peccados,  
 & agora me acho miseravel de mim, cõ  
 o mau costume, conuertido em nature-  
 za, & como escravo da culpa, com os  
 seus grilhoës a firuo, parecendome com  
 o frenetico, que com suas proprias maõs  
 trabalha por despedaçar-se, absorta a ra-  
 zãõ, & preuertido o juizo. Assim eu, gra-  
 ue, & perigosamente auorreci minha al-  
 ma, pondolhe as nefandas, & violentas  
 maõs, guiadas de meu coração impeni-  
 tente, & da vontade obstinada no pecar.  
 Oh alma infelice, a quem eu proprio  
 frenetico despedacei, & comprãdo mul-  
 tiplicidades de infernos, todos os dias,  
 segnindo a dureza, & a impenitencia de  
 meu maluado coração, enthesourei de-  
 positos de vinganças, para o dia das  
 iras.

Ia intentei, algũa hora, eximir de

meus hombros, este antigo, & pesado, jugo, mas trabalhei de balde, porque está metido nos ossos. Oh Senhor misericordioso, se este fora o dia que me livrareis deste peso, para que | ainda que tão tarde, com toda a alma vos amara. As cadeas que me prendem, cairão sem falta, se vós as tirardes, meu Deus, com os auxilios efficazes, que communicais aos que vos imploraõ, & que desse trono resplandecente da gloria, repartis com os que chorando vos buicão. Confesso, meu Iesus, que o não mereço, mas vós que sois tam liberal, que fazeis que o vosso Sol, igualmente esteja nascendo sobre os bons, & sobre os maos, & aos indignos de vossos fauores, sem vos pedirem as felicidades temporais, lhe repartis infinitas riquezas; como as aueis de negar a quem vos pede as venturas da alma? Tende piedade de mim, clementissimo Deus, despachai a petição deste miseravel; socorrei a este pobre, pois

fois taõ rico de misericordias , & costumais perdoar com alegria, ouuindo contente, os gemidos lastimosos dos presos, foltãdoos das cadeas, que elles mesmos lauão . A obra de vossas maõs, cubri com a vossa maõ direita, para que caindo, não quebre; & para que quebrado, me não leuem áquelle lago infernal, onde não ha agua : liurame das garras do Leaõ, & de sua faminta boca , com que está preuenido para despedaçar-me, pois vós sois so o que me pode liurar, & que me ha de defender , & so na vossa piedade, se asseguraõ minhas esperanças; a vossa misericordia seja sobre mim , assi como nella confio, esperei , & não me hei de confundir.

SOLILOQUIO IV.

**A**S noites de minha vida todas as passei em tristezas, & medos, que me assombrauão , me desuclarão sempre. A consciencia que me remordia, tirandome

randome o sono, me desenquietaua, & como hũa espada aguda, me deixaua ferido; o sono auendome de dar repouso, dauame desasocegos, & com temerosas fantasias, o que em todos he descanço, em mim era desuello. De inquieto não durmo, & quando cansados auião de descançar meus olhos, entãõ foge delles, a quietaçãõ, & o sono: & se a caso durmo, durmo sentindo, & aquieto padecendo, com hũa quietaçãõ, desenquieta; porque quando o corpo affligido repousa, a alma turbada se fatiga. Fecho os olhos para dormir, porrem fugindo o sono, os abro para padecer, que os mesmos cuidados, que de dia me atormentãõ, me desuelãõ de noite. As iguarias, de que minha alma se sustentaua antes, agora a enfastiaõ, os bens que antes a consolauãõ, agora a affligem, & a bebida que antes a alegrou agora a entristece; porque não bebo sem chorar, nem choro se m beber;

## Soliloquios

que sempre misturo a agua, que a-  
uia de feruir para o regalo, como as la-  
grimas que nascem da tristeza; & quan-  
do me lembro que vos offendi, meu  
Deos amante, & meu Senhor, offendido,  
reparto a confusaõ para os olhos, & o  
peço para as faces, correndome, & en-  
tiergonhandome, de que todo me occu-  
passe em desagradeecer, o que era razãõ,  
que eu ouesse de pagar.

Os dias gasteios em vaidades, con-  
sumindome immortais cuidados, & vaõs  
& necios pensamentos, que me leuauãõ  
enganosamente distrahido, sem reparar  
nas perdas, inrestauraveis do tempo, pa-  
ra que perdendo os dias, me vieste a per-  
der em hũa hora. Fingia que sonhaua,  
& tudo em mim eraõ sonhos, & fingi-  
mentos, & hũs perturbados ditos de  
minhas enganadas fantasias. Até o Ceo  
subia, com as presumpções, mas ainda  
mal, porque logo decia até o inferno, cõ  
os peccados; & quando hum abismo de  
penas



penas chamava para si, a outro abismo de culpas; não sabia minha alma, abstrahida nas confusões, acertar com os remedios. Pelos impossiveis me desvelava, & querendo possuir seus fantasticos gostos, me parecia com os que sonhaõ, q̄ dormindo lograõ thesouros, que acordados acharão defenganos. O mais pequeno bichinho do mundo sou Senhor, & que perda taõ consideravel, que nunca me conheci, antes soberbo, & esuaecido, mais que todos os homẽs, me engrandecia, gabando temerario, & sem fundamento, a elegancia de minhas palauras, imaginãdo que as minhas ignorancias erãõ descrições. A todos os que viviaõ comigo, fui contrario, & contra muitos, me mostrei irado, dizendolhe injurias, mais nacidas de minha preuerfa natureza, que ocasionadas de suas inadueriencias. Auorreci o sofrimento, amando entranhavelmente a ira, porque sem me darem motivo, me agastava. A maldi-

çoci a meus familiares, & por quem ninguem escapasse de minhas blasfemias, até a mim mesmo me maldizia, fazendo escarnio de todos, & com particular circunſtancia de meus amigos. As aduerſidades, com que me caſtigaua o Ceo forçado as ſoportaua, & porque não podia mais, as ſofria, & enganado das apparencias, fazia maiores confianças dos homens, que de Deos. Nunca ſufri que me diſſeſſem verdades, & que ria mal a quem com ellas me reprehendia. Aos ſábios que me aconselhauão, respondia com indignação, & inclinado a vingar minhas injurias; nunca a Deos quiz remeter o caſtigo de minhas offenſas. Quem defendia a ſua cauſa, achauame contra ſi; & ſempre lhe respondia com aspereza. Em ver demandas, & em ouir porrias, me recreaua, ſetteando quando podia entre meus irmãos diſcordias, & entre meus aliados inimizadas. Ouua os conſelhos

bons, para seguir aos maos; & só os cō-  
selheiros adulaadores, ouvia com gosto,  
& seguia com vontade, achando suas  
palavras em mim a prasiuel rosto, & os  
que me fallauão o que entendiaõ com  
liberdade, a effes perseguia, & desterra-  
ua. Para os pobres, nunca estendi a  
maõ, & com os famintos nunca reparti  
meus bens; se nas ruas geniaõ os lepro-  
fos, fugialhe com os olhos, para que  
minhas entrânhas se não compadeces-  
sem, & se não lastimassem, & mouido  
de suas miserias os socorresse. As diui-  
das, se mas pediaõ, as não pagaua, &  
com os futores alheos me enriquecia.  
Para cometer defordens desejava ser ri-  
co, & para as obras de piedade, todos  
me experimentaraõ pobre, & o que fal-  
tei á comiteração, gastei prodigo, na cõ-  
cupiscencia. Nos banquetes esplêndidos,  
& nos comeres demitiados, era minha  
mayor alegria, & cõtêtãdo se a natureza  
cõ pouco, eu nã cõ muito me cõtãua.

O meu estamago, pelo extremo com q̄  
adoraua, parecia o meu Deos, & a mi  
nha gloria toda, consistia nas mais ver  
gonhosas, & indecentes cousas da terra.  
Buscaua para comer, as iguarias mais di  
liciosas, & mais exquisitas. Com os adul  
teros, & com os libidinosos, era a mi  
nha amizade mais familiar, & compara  
do aos brutos, mais ignorantes, & estoli  
dos, cometi, & effituei desenuolturas  
taõ obscenas, & taõ torpes deshonestida  
des, que não me correndo de as obrar,  
me enuergonho de as dizer. A todas  
as vaidades, estauão promptos meus ou  
uidos, & para as repetir, preuenida com  
diligencias a minha lingua, a qual em  
meus loutores sempre acrescentaua, o q̄  
nos alheos diminuhia, inculcando mi  
nhas partes, a quem as ignoraua, para q̄  
as publicasse, a quem as não sabia. Em  
todo o genero de delicias do mundo fui  
o primeiro; em todos os regalos do  
Ceo fui o vltimo. E se por ventura o  
medo

medo da morte, ou o temor do juizo q̄  
me espera, enfrauaõ a minha desordẽ,  
breuissimo era o espaço, que não torna-  
ua ao vomito de minhas culpãs, nas  
quaes estando viuo, ja nellas me confi-  
dero morto; & estando na morte, cami-  
nho para a morte, que para mim cami-  
nha com toda a pressa.

Mas anticipemse, clementissimo Se-  
nhor, vossas misericordias, antes q̄ che-  
gue aquelle tremendo dia, todo de ca-  
lamidades, & misérias, aquelle dia gran-  
de, & sempre amargo dia. Fazei, Senhor,  
que ja que estou morto, resuscite, para  
que conte a todos vossas piedades, que  
são maiores que todas vossas obras.  
Olhai, piadoso Deos, & vede como mi-  
nha alma, com suas torpezas está paraly-  
tica, oprimida, & vaxada, liuraia da  
morte, para que só a vós, vos sirua, que  
sois a verdadeira vida, & deixando tudo  
do mundo, só a vós vos ame, que sois  
tudo do Ceo, & da terra. Dizei a esta al-  
ma

ma, meu Deos, & Senhor: Eu sou a vof  
sa faude, façase como pedis. Fazei, Se  
nhor, que ouça esta vossa vox, vox ale  
gre, & vox suaue, para que corra em  
vosso seguimento, até que vos alcance;  
& alcançado, vos não deixe, até que  
me fareis de todo, de minhas graues en  
fermidades. A quem, Senhor, senão a  
vós, hei de buscar enfermo, para que me  
cure? Ou quem poderá sarar meus acha  
ques, senão aquelle, que para sarar aos  
homēs se veyo a fazer homem? Quem  
pode dar vida, senão aquelle qu ecriou  
a vida? Quem pode salvar, senão quem  
naceo para Salvador? Saluaimé, amante  
Iesus, pois sois vida, & saluaçãõ eterna,  
dos que arrependidos vos chamão, &  
dos que lastimados vos buscão. Em vos  
consiste a gloria sem principio, & sem  
fim; a vos se vos deuem todos os louuo  
res, todas as honras, & todas as adora  
ções, como a fonte perenne de todas  
as graças. Triste de mim, que me apartei  
de

de vos, & fugi de vossa sombra para tão longe; mas vos, Senhor, ao doente fugitiuo, que vos chama, ainda que esteja na mais remota região da vossa graça, logo lhe acudis com os vossos auxilios, & primeiro lhe dais a faude, q̄ ouçais o gemidos. Bastalhe o querer sarar, para lhe dar des vida, & com a doçura suauissima de vossa misericordia, remediais os desejos do peccador q̄ se conhece, & q̄ se arrepede. Dizeruos o q̄ vos quero dizer, somente basta. A minha maldade eu a conheço ja, & se eu conheço a culpa, não me falta muito para experimētatar o remedio. Também conheço agora, que todos meus ossos estāo conturbados, & minha alma se enlea, porque conhece meus vicios. Todas minhas maldades estaõ manifestas a vossos olhos, para que cureis minha alma que contra vos peccou. Assim como sois Deos que não consente culpas, assim tambem sois Deos, que não deseja mortes; a deste miseravel peccador não acabe minha vida, senāo em

vossa graça, obstinado não, senão arrependido. Os mortos não vos louuaõ, só os que somos vivos louuamos ao Senhor, & confessamos, que he sumamente bom, porque eternamente duraõ suas misericordias.

## SOLILOQUIO V.

**P**Arte grande de minhas misérias, Senhor, vos tenho descoberto, não para vos descobrir os caminhos de minhas maldades, as quaes vòs conhecestes, ab eterno, & todas minhas passadas tendes contado; vòs conheceis as obras mais sepultadas, nas trevas, & aos vossos olhos tudo he manifesto, & não só o vedes, senão que o preuedes, alcançando os pensamentos mais ocultos, & os desejos mais escondidos. Porem eu descobri-me, Senhor, para que me encubrais, porque costumais esconder, a quem chega a se vos manifestar; mostrouos humilhado.



lhado meu espirito, para que por este sacrificio, para vos mais que todos grato, moua a vossa clemencia, a que me perdoeis. Disse muito, & muito graue, & com dizer tanto, ainda me parece, que não disse nada; muito mais calei, do q̄ disse, & me obriga a consciencia a que vo lo diga, & o bichinho que nella nace, a que vo lo declare; prounera a vossa Divina misericordia, que este bichinho que me persegue, assi como roe a consciencia, roerá a sua podridaõ, & roendo a consumira, para que a si mesmo se cõsumira, & se não sustentara nella, para viuer eternamente; senão que me mordeira, para morrer, & pouco a pouco me não viera a morder, como agora me está mordendo. Mas ay de mim, que quando cudo que acaba, entãõ começa; que quando cudo que poem fim a meus peccados, entãõ me lembrãõ nouas culpas. Eu pequei mais que as areas do mar; & se eu tiuera cem bocas, & cem linguas,

## Soliloquios

linguas, escassamente com todas, de mil milhares de milhares de peccados referi ra hum. Isto me acrescenta a dor, & ver que todas minhas torpezas me esqueçaõ, & me não lembrem para choralas todas minhas deshonestidades; pois quã do cometo as presentes, esqueço as passadas, porem ja das que me lembro me não hei de calar, não porque na repetiçaõ mostre que as amo, & que me delectão, senão que as repito por auorrecidas, & porque me entristecem, depois que so a vós vos amo, & faço dellas memoria, para que lembrandome os caminhos errados de minhas maldades, & o amargoso de meus cançados passos, os façais suaves, que sois a suauidade verdadeira, & segura.

Amei notauelmente o vicio da inueja, auorrecendo porfiadamente a Charidade. Murruraua dos Principes, & dos Monarchas, & atè aos ministros da Igreja offendia, aplaudindo as obras dos re-  
proua.

preuados, & detraindo dos lououres dos escolhidos. Se alguém engrandecia aos homens de santa vida, eu com testemunhos falsos os infamaua, descubriandolhe os vicios, que sepultou o segredo, & que tinha em uberto a cautela, encaminhando com palauras artificiosas, as liuiandades, para que parecêsse enormes delictos; & se a caso contra a gente perdida, ouuia murmuraçõs, os fingia mais Santos, que os mesmos Santos; com que authorizandolhe os delictos, lhe vim a seruir de motiuo de novas culpas. Se via o ladraõ, era ladraõ com elle; & para consumir a minha malicia, até a meus irmaõs, seruia de escandalo, não perdoando, com enganos, & com calumnias, a todos meus parentes. Desejei ao meu proximo infelicidades, & trabalhos, & só na sua morte, fundaua minhas esperanças. Nunca defendi a causa dos innocentes, & dos culpados, folgaua com os castigos. A muitos te

## Soliloquios

mèrariamente julguei criminosos, & nos olhos de meus irmaõs, vendo o menor argueiro, nos meus olhos não via a mais grossa traue. A perguiça veneraua como a mãy, & a ociosidade queria como a irmaã; & de todo o honesto exercicio me apartaua. Como homem esquecido de si, passei os dias, & dos beneficios, que de Deos recebia todas as horas, nunca fiz memoria, para o agradecimento; se algũa noite contemplei nas vossas maravilhas, ou me desuellaua nas lembranças de vossa santa ley; vós o fabeis, Senhor.

Quando nas noites não dormia, & meu entendimento soltamente vagaua, e correndolhe tantas desordens, que vos offendião, nenhũs extremos achei que vos agradecem: sem vos cheguei á cama, & sem vos me detei nella; sem vos me amanheceo o dia, porque sempre me leuantei sem vos; sem vos passei todas as horas, & sem vos estiuẽ sempre,

por estar sempre comigo; vede com quem, & sem quem? E se eu estive comigo, que longe estive de vos? Se a caso algum dia vinheis para mim, entrando em minha memoria, a consideração de vossas maravilhas, & eu começava a consideralas, de repente o peso do mundo (como o pesadelo no sono) oprimia minhas potencias, & as lembranças com q̄ vos meditava, eraõ taõ pesadas, & taõ repugnantes a minha preuerfa natureza, que faziaõ em mim, o effeito daquelle que com o sono se esparguica, a quem a perguica leuemente vence. Das coisas de minha consciencia, propus sempre o concerto, mas sempre me enganou o presente com o futuro, o dia de hoje, com o dia de amanhaã. Sobre fragil fundamento, edifiquei a machina de minhas obras, & o baculo sobre que me encostava, era de cana, oca, & quebradiça, & quãdo mais delle cudei firmezas, entãdo experimentei ruinas. Anelaua as

C 2 honras

## Soliloquios

honras do mundo, com sede taõ sequeiro  
sa, & os seus interesses com taõ auaren-  
ta hydropefia, que so dos seus enganos  
me sustentaua, & so das suas difficulda-  
des viuia. Nunca busquei para amigos  
os virtuosos, senão os acriminados, com  
que destruhia a virtude cincera da ami-  
zade, fazendo della hũa cadea da luxu-  
ria. Os expectaculos de minhas mis-  
erias, & os theatros cheos de figuras de  
minhas calamidades, auêdome de seruir  
de confusaõ, me seruirão de recreo; &  
á morte auendolhe de fechar as portas,  
atéas janelas lhe abria, que fazia de to-  
das as partes de meu corpo, por onde  
a morte sê resistencia pode entrar na al-  
ma, & comocõ ella tãtrauãotãtas culpas,  
não podia curar as velhas, antes hũas,  
hiaõ gerando outras, que vos obrigaraõ  
a me desterrar de vossa diuina presença,  
& ausente della, & de vossas singulares  
consolaçoẽs destituido, quasi que che-  
go a desesperarme, sem saber aonde me  
leuem minhas desgraças. Porém onde

hirci eu desencaminhado, quando me  
aparto de vós? Ou quem me verá o ro-  
sto, se vos me virais as costas, & como  
a reprovado, me priuais de vossa amo-  
rosa vista? A todos os homens serei odi-  
oso, & como vago, & fugitiuo, em to-  
da a terra serei o oprobrio, & a occa-  
são de rizo de todas as gentes, quando  
me perguntarem onde está o meu Deus?  
E porque me desterrou de sua presen-  
ça, & de sua sombra? Que farei misera-  
vel quando me vir alheo de vossa pro-  
tecção, cercado de inimigos, q̄ me per-  
figaõ, sem ter o vosso amparo, que me  
defenda? Para o remedio buscarei a vos-  
sa face, & com magoados suspiros, o  
vosso Diuino rosto. Não me desēpareis,  
amãte Deus, & deste vosso escravo, não  
vos aparteis irroso. Ia todos meus con-  
trarios, me perseguem como a fugitiuo,  
parame prenderē, & para me matarem,  
& porelle respeito, porque fugi de vos,  
torno a fugir para vos. Deus meu, for-  
tale-

talcaza minha, meu singular refugio, & vnico remedio de minhas tribulaçoens; assi como sem vos não pode auer Deos, assim tambem sem vos não pode auer Saluador; por tanto, Senhor, pois conheceis todas minhas misérias, & todos os fingimentos de minhas miseraueis cautelas, vos saõ manifestas, lançai detras das costas meus peccados, & minhas maldades antigas, nunca mais vos lembrem; antes me liurai conforme vossa misericordia, de todos os q̃ me perseguem, & liuraime do que me não sei liurar, porque não ha quem me rima, nem ha quem me salue, senão sois vos, Senhor, que saluais, & que remis todos os que em vos esperaõ, & liurais o pobre, do poder do poderoso, & da mão de seus forçosos contrarios. Não escondais de mim, Senhor, vosso benigno rosto, não me desprezeis, meu Deos, & minha faude, firmeza minha, & meu libertador, porque vos pede piedades o  
mais



mais pobre, & o mais desamparado: põ  
nhaõse os vossos olhos na minha pobre  
za; & se a vossa justiça tendo respeito a  
minhas enormidades, me buscar para o  
castigo, escondeime, amoroso Deos, no  
ceyo de vossa clemencia, que sofrendo-  
me tâto, me esperou até a hora do arre-  
pendimento. A vossa paciencia he infi-  
nita, sem numero a vossa misericordia,  
mais ainda infinitamente, do que tem si-  
do a minha malicia; & o mais proprio a-  
tributo de vossa grandeza, he sempre cõ  
padeceruos, & perdoarnos, & por essa  
causa perdoais a todos, porque podeis  
tudo, & dissimulais os peccados dos ho-  
mens, so pelo gosto de os verdes fazer  
penitencia. A todos perdoais, porque  
todos são vossas criaturas, & as almas  
vossas, a quem amais com extremos. Vi-  
rai para mim vosso rosto, pois para vos  
me vedes conuertido; tirai minha affli-  
gida alma de todas suas angustias, para  
que chea minha boca de vossos louvo-

## Soliloquios

res, diga sempre: Bendito sejas eternamente, Senhor, que não permitistes, que os dentes de meus aduersarios, me despedaçassem, & se vos não foreis em minha ajuda, me engulirão viuo: minha alma como passarinho, foy liure dos laços dos caçadores infernais, que brouse a laçada, & eu por vosso fauor fiquei liure.

### SOLILOQVIO VI.

**M** Israel de mim, que farei? Porque aquella fera singular, se sustenta voraz, & carniceira, de minha alma lamentavel, & sou despojo do inimigo? De todos os bens me despojou, de que vos, meu Deos, me enriquecestes. E agora temo aparecer nu diante de vossos olhos. Rico, & feroso, sahi da vossa vista, & caminhei vagabundo, seguindo minhas torpezas, pelos caminhos deprauados de muitas maldades,

&

& com os crimes de meu coração, ficou, minha alma tão denigrada, que os caruoês mais escuros se não podião cōparar com ella, e ja trocada aquella cor per feita, com que encarnada fazia enueja às rosas, agora toda he espinhos, com os quaes vestido como rustico peccador, a mim mesmo me aniquilei, & me abati, desfeandome, como semelhãça de Adã, quando culpado. Ia me não conhecereis Senhor, naquelle bello retrato da sermo sira, em que me criastes, & como ouelha enferma de mal contagioso, me não permitireis apacentada entre os ditos cordeiros do vosso rebanho. Como á presença de vossa immensa Magestade, diante da qual os mesmos Ceos não são puros, tornarei eu immundo, desprezado, & sem boas obras? Se eu peccando, me fiz nescio, como hey de fallar com os vossos escolhidos? Tornarei finalmente, ainda que intimidado, & receoso, porque por outra parte, con fiarei

fiarçina benignidade, que em vos reconheço de Pay, pois ao Prodigio, que para taõ longe se ausentou, o amoroso Pay, mais benignamente o recebeo.

Porem para tornar para vos, ainda me falta licença; aquelle cruel, Senhor, que me tem catiuo, aquelle capitaõ desapiadado, que me venceo, me tem preso; he verdade, que não he o grilhaõ alheo ( para ser mayor a minha dor) antes he a cadea de minha propria vontade, que eu inimigo meu, laurei contra mi m com obras deshumanas, em toda a escrauidão viciosa, para que amargosamẽte tenha sempre minha alma que chorar. O remedio està longe, porque sempre està longe a saude do peccador. Nesta miseravel seruidão, me querem obrigara morrer, se vos, Senhor lá do Ceo, desse trono immenso de piedades, me não acudirdes, & me não socorredes. No lodo do profundo abismo, estou quasi enterrado, a tempestade

das

das tentações, como mar embrauecido, quer souerterme, & tão vexado me vejo, que quasi, que desespero, de poder escapar tão inauditos perigos, se vos, meu chagado Iesus, me não liurardes. Quanto mais me quero levantar, mais pesadamente cayo. Dentro, & fora de mim, todo me sou molesto, & em qual, quer parte, acho inimigos caseiros que me perseguem, & que me lastimaõ. Olho para a parte direita, & para a esquerda, & não acho quem me defenda, & de todo o lugar me cerca o medo, & para qualquer lugar que olhe, não acho amigo; mas como hei de achar amigo verdadeiro, se eu a Deos não guardei fec? Busquei quem me cõsolasse em minhas afflicções, & calamidades, & não achei consolação em todos meus obrigados, & conhecidos. Antes encontrei homẽs falladores, & demasiadamente locazes, que fora melhor serẽ mudos, pois não o dizião palavra que fosse vossa, & fomen

te

## Soliloquios

se contauaõ os delictos de suas obras,  
& as palauras, que repetiaõ suas bocas,  
so eraõ para condenarem meus defei-  
tos, murmurando de minhas defordês-  
& prouocando com injurias minhas a  
frontas.

Aos necios, que me enganauaõ, fa-  
uorecia, & desuiandome das estradas  
direitas, seguia ignorante com elles os  
caminhos errados, & sem sentir como  
me perdia, pouco a pouco me leuauaõ  
a cousas sem comodidade, antes com  
riscos da saluaçaõ; & ainda que na san-  
ta Fee, ajudandome vós, nunca desfale-  
ci, muitas cousas cria, que não eraõ pa-  
ra ser cridas. Verdadeiramente sou ho-  
mem sem escusa, porque conhecendo-  
uos por meu verdadeiro Deos, não vos  
adoraua com todo o espirito, & com  
toda a verdade, antes a mudei em men-  
tira, & serui as criaturas mais por meu  
gosto, que a vós, sendo meu Criador.  
Pois em cousas caducas, & corruptiueis.

me occupaua. Porem vòs , meu piadoso  
Senhor , doçura de minha alma , & mi  
nha confiança, assim como fizestes, que  
com verdadeira fee vos conhecesse, as  
sim tambem me despertai, dormindo  
nos peccados , & alumiai meus olhos,  
para que nunca durma , o sono profun  
do da morte. Alumiai, acendei, & leuan  
tai meus olhos para vòs , para que com  
a vossa luz , vos veja, eterno resplan  
dor, luz que nunca se apaga , lume que  
nunca se extingue, suauie , & deleitauel;  
vejaõuos, alegremse , & desejem vossa  
fermosura , & conheçaõ que fora de  
vòs , ninguem he digno de amor. Vòs,  
Senhor, que sois luz verdadeira , & alu  
miais a todo o homem , que naceo, ne  
ste caduco, & miseravel mundo, fazei q̃  
naça esta luz , para illustrar minhas tre  
uas, & para desejar vossas justificaçoẽs,  
para q̃ coui a força de taõ grãde amor,  
se desfaça minha alma, em amorosos des  
mayos, hydropica de vossas cõsolaçoẽs  
cha

## Soliloquios

chame á minha alma vossa, porq̃ vos a  
criastes, & porque vos ma dèstes, & so  
a conheça minha, porque de vos a rece  
bi. Guardai, Senhor, esta obra de vossas  
maõs, que formastes singularmente a  
vossa semelhança, & não permitais se  
perca esta vossa preciosa dadiua, a quẽ  
engrandecestes, entre todas as obras de  
vosso poder. No meu corpo, & no meu  
coraçãõ, fazei o que quizerdes, a minha  
carne apodreça, & toda se cubra de bi  
chos, mas so á minha alma perdoai Se  
nhor, & não estendais sobre ella vossas  
maõs por castigo. Reduzime ao vosso  
caminho, antes q̃ chegue a noite, pois  
o Sol da vida se vay pondo, & obrigai  
me por força a que vos busque; & se a ca  
so he pouco chamarme, constrãgeime,  
para que va para vos, & me não perca.  
Não façais isto por amor de mim, que  
tantas vezes vzei mal de vossa misericor  
dia, & me fiz indigno della; mas fazeio  
pelo vosso santo nome, tirandome este



coração de pedra, & dandome hum coração de carne, pondo nelle o vosso espirito, para que caminhe pelas regras de vossos preceitos, & os vossos altísimos juizos me guardem.

Tarde confesso que vos busco, mas sinto muito, não vos ter buscado cedo; porem animame saber, & ser isto verdade infaliuel, que os que veni buscaruós, nunca chegaõ fora de tempo, se ainda com tempo chegãõ. Nem deixais de abraçar aos vltimos, como abraçastes aos primeiros; porque ainda que auorreceis ao peccado, não tendes odio, ao peccador, nem vos alegrais na sua perdição, por cujo respeito, ainda que as culpas se dilatam largo espaço da vida, maior he o prazo, que nos asseguraõ vossas esperanças. Que sua he a voz, com que me prometeis que me esperais! Anda minha alma perdida com os peccadores, & vos dizẽdome que me conuertira, que esperais por mim, & que em qual  
quer

## Soliloquios

quer hora me auéis de receber. Que jó-  
cunda, & que agradável he esta palavra,  
com que consolais ao peccador, que ja  
de si desconfia! Se o mao fizer peniten-  
cia de todos seus peccados, viuirá vida,  
& não morrerá. Por ventura póde ser  
de minha vontade, a morte do peccador?  
Com que gosto ouço aquella parábola  
do pastor, que poz sobre seus hombros,  
a ovelha perdida, & quando a pedra pre-  
ciosa, mandais se meta no vosso thesou-  
ro, alegrãdose as vesinhas, porque a mo-  
lher a achou, sendo dia solemníssimo de  
vossas alegrias, a restituicão do filho  
prodigo a vossa casa, porque estando ja  
morto, resuscitou? Dai, Senhor, a minha  
alma, a voz da vossa virtude, para que  
não só com estas palavras do meu arre-  
pendimento, tire as treuas das almas,  
mas ainda seja o instrumento de lhe cõ-  
municardes a luz da graça, que alomea  
os horrores da culpa. Soe a vossa voz,  
nos ouvidos de meu coração, & dizeia  
minha

alma que dorme; Para que taõ largo tempo padeces o letargo de taõ profundo sono; & em prisoẽs deshumanas encadeado dormes, & te dilatas? Hora he ja de te leuatares de dormir, para que deixes os caminhos de teus vicios, & te venhas para mim, que te remi. Torna amada Sunamitis, que te aguardo com os braços abertos para perdoarte; torna para que te veja, não tardes em buscar-me, que sou teu Deus que te criei, teu Redemptor que com o preço de meu sangue te remi. Olha que eu mesmo te chamo, & sou o que apaga as nodoas dos peccados, por amor de mim mesmo, & todos os erros que cometeste, ja me não lembrão; & possa eu dizer com toda a confiança, converte-te ius alma minha, para gozardes eternos descansos, que o Senhor vos faz estes bens: ide para elle segura, & inda q̃ cançada dos vicios, caminhaí depressa, se de depressa quereis descansar. Não vos atemorize

O horror de vossos peccados, que inda que sanguinolentos sejaõ, como o carmesi, se faraõ candidos como a neuve, & brancos como as açucenas, & taõ facilmente desapareceraõ como ao soprar do Norte se desfazem as nuuës, & as neuoas com os rayos do Sol. Não receeis acusaruos do atreuimento, se fazeis o sacrificio da obediencia. Caminhai com pressa, alma minha, & fazei a jornada com confiança, porque ides, para quem não veyo chamar justos, senão peccadores, & se sois peccador, Deos de peccadores he o vosso Deos. Como te meis logo de ir, se vos não chama. Iuiz feuro, senão Pay misericordioso, para alcançardes delle misericordia? Por esta mesma razão ide com gosto, a hũa piedade que vos busca, porque depois de constrangida, não vos busque hũa justiça que vos castigue. Senhor, ja vos reconheço Pay, todo cheo de clemências, & ja me não correrei de vos confessar  
minhas

minhas blasfêmias, pois fui taõ mau, q̃ me envergonhava de as confessar diante de muitos homens, & não me envergonhava de as cometer diante de muitas criaturas. Murmure o Phariseo ignorante, & diga quem he aquelle que pode perdoar peccados, senão somente Deos? Pois quem diz isto a minha alma, he o proprio Criador, cujas palavras são vmas, & efficazes. Quem me chama he clemente, & pio, & que não costuma deter em sua ira a sua misericordia. Na vossa palatra vou seguro para vos, meu Deos, minha confiãça, & porçãõ minha, na terra dos viuentes; ahi diante de vos prostrado, não temerei a vossa Magestade, porque vos me chamastes, & para não offender vossos Divinos olhos, aparecendo immundo na vossa presença, as manchas criminosas de meus vicios, lauarei em minhas lagrimas continuamente, não cessando nunca as meninas de meus olhos de chorar, &

## Soliloquios

meu leito será a testemunha mais certa de minhas dores, com as quaes quanto mais me desagrado, mais vos contento, & por vos, conuertido a vos, me pesa de todo o coração do que tenho cometido contra vos, para que com elle purificado vos louue dizendo: Quem será Senhor como vos? Então será de grande estima louuáruos o peccador arrependido, & quem semea com lagrimas, com alegrias recolhe.

### SOLILOQUIO VII.

**T**Ende misericordia, & compaixão de mim, porque me atribulo, & por que padeço misérias tão infinitas, que se não podem contar. As inundações de minhas maldades me pasmão, & até minha alma entrarão suas aguas, com cheas tão crecidas, que parece rio que sahio de mãy, & meus pecados que até agora dissimulei, agora me enuergonho de os confes-

confessar, & de lhe buscar a emenda, não sei o caminho, & elles creceraõ de maneira, que me faltaõ palauras que os declarem. Os appetites sensuais de minha concupiscencia dobraraõ a minha vontade, com taõ absoluto poder, & o meu entendimento, que quasi de todo me sujeito à escrauidão do demonio. Desfventurado de mim, que todo estou mortalmente chagado, & dos pés atè a cabeça nenhũa saude tenho. Debaixo de seus pés me meteo o inimigo, & como cruel tyrano, embrauecendo-se comigo, me priuou de todos os sentidos, para que do meu dano, & da minha ruina, acrescentando a sciencia, se augmentasse a dor; pouco me offendera, se de todo me deixara sem conhecimẽto, & em todas minhas acçoens, de todo me fizera insensuel; porem destituhio-me para conhecer o bem, & fez-me força para me não sair, & apartar do mal, & com hum certo estupor, de hũa

insensibilidade interna, espalhou meu animo pelos sentidos exteriores, com hum esquecimento tao profundo, que nada do que passaua dentro em mim me lembrava, nem o sentia.

Quando conuinha ouir, era surdo, & de toda a verdade apartaua os ouvidos; porem quando era razao que enfurdecera, para não ouir o que me não conuinha, nas murmurações de meus proximos; entao estaua mais atento, & ouuia mais desuelado. As cousas do Ceo ouuidas me amarguaõ, & toda aigua-ria celestial me seruia de fastio, mas as cousas do mundo todas me eraõ suaves. Para olhar, para o que pertencia ao Ceo, era cego, & hum homem conuertido em bruto, & para ver tudo o que conuinha ao mundo, era lince, & com hum coração hydropico o desejava. Não so peccaua com os sentidos, senão ainda com todas as partes de meu corpo, que Deos me deu para seruir a alma, todas



me impedirão o caminho da saluação,  
& aquelle preuerfo inimigo me armou  
raes filadas, que nunca as pude euitar,  
nem ja mais as soube fugir, porque até  
do que fugia, me enlaçaua. Pequei ven-  
do, & não querendo ver; pequei surdo,  
& por ouuir pequei; pequei falando, &  
pequei emmudecendo; pequei estando  
em pé, & pequei estado sentado; pequei  
dormindo, & pequei vigiando, quando  
andaua, & quando me detinha. De to-  
do o vto proprio, & commum de meus  
enganados sentidos, vzei mal, & de to-  
das as partes de meu corpo, abraçado  
em minhas concupiscencias, tanto que  
não guardaua nem a ley natural, nem a  
ley Diuina, nem a ley humana, & so vi-  
gilantissimo guardei a ley do peccado.

Prouuera a Deos que tiuera sido  
peccador, para que agora o não fora;  
mas ay de mim, que aquelle que fui de  
antes, aquelle mesmo sou agora, & sem  
mudança do q̄ fui, sigo o peor, porque

ainda agora, aquella vontade enferma,  
 governa, & minha alma com as chagas  
 antigas muito immundasse conserva, &  
 persevera pouco cheirosa; permanen-  
 cendo nos vieios, que antigamente a  
 destruíraõ. Mil vezes me rio contra  
 mim proprio, & me atorrecendo a vida,  
 não me atorrecendo a culpa. Conheço  
 a minha ignorancia, confundome,  
 & confuso me reprehendo. Oh amador  
 da carne, porque razão te deixas estar  
 deitado, no lodo de tuas sensuaes de-  
 seos. Como com tantos desvellos te heitas os  
 bens do mundo, que se acabaõ rãõ de-  
 pressa? E como lhe chamas bens, ad-  
 quiridos com tanto trabalho, alcança-  
 dos com tanta perda da alma, possu-  
 idos com tanto temor, & que se perdem  
 cõ tanta magoa? Porque, alma minha, te  
 esqueces de tua fermosura, & da tua  
 nobreza, para te sigeitares á podridaõ  
 dos sentidos do corpo, & te não entres  
 gonhas nascendo para sephora, me re-  
 veres.

Veres tão abatida e escrava? Porque te  
persuade o mundo, com promessas en-  
ganosas? Não sabes que o seu mayor  
bem, he hum vapor, que logo desapa-  
rece, & he hũa vaidade de vaidades?  
Enuergonhate, enuergonhate quifora  
uel peccador, de considerar, quantas  
vezes deixas ao Criador, pelas criatur-  
ras, & tornando a ti mesmo, ve com os  
olhos do entendimento, como misera-  
ramente, cansada a alma, se despeda-  
ça, só por poder castar a hũa inmundi-  
mosca, como a aranha de faz as en-  
nhas na teia, que depois lhe vem a feruir  
de rade. Outra vez te digo, te enuergo-  
nhes, & que corras digo, de vôr, q no in-  
finito em q te cansas, veyo a ser o pro-  
neiro imaginado, o frute nada. Chora o  
tempo perdido, para q achas o remedio  
no pexo, & a comodidade na vergo-  
nha. Dá o coração a Deos, & pagarás  
o que deus. Com estas palavras de hñor,  
me estou irando contra mim, porque  
do

do interior auifado, entrando no interior do coração, não o sei o que perdi, não o que acho. O que eu aprovo, não he o bom, & o que quero he o mau. Isto he sempre o que faço, & o inimigo está senhor do meu querer, & com as figuras antigas, & deliciosas de minhas ignorâncias, me torna a catiuar na ley do peccado. Porem vos Senhor Deos de immensa virtude, torre de minha fortaleza, & Principe absoluto de minha vida, não aparteis de mim muito longe, os vossos auxilios; resoluei vos a defenderme; amparaime debaixo da sombra de vossas azas, para que não caya á vista de meus inimigos, & gostosos digão que me vencerão. Rompei as cadeas de minhas afrontas, as quais me tem sem olhar para o Ceo, & as cordas de meus paccados com que cruelmente me ataraõ, desfarai Senhor, com o vosso poder, fazendo publica, & manifesta a meus contrarios vossa omnipotencia, para que todos vos

reconheçãõ, & vos sacrificuem, dizendo: Quem poderá dizer o muito que podeis, & quem saberá repetir vossos louvores? Aquelle que tirou minha alma da morte, & meus pés do perigo, q̃ me liurou da boca do leão, & das pontas agudas do vnicorne, a minha humildade.

A quem hei de clamar, senão a vos, a quem clamaraõ todos nossos Pays, & alcançaraõ saluação? A vos digo, em quem se não enganão nenhũas esperanças. Ponde me junto de vós, & todas as mãos mais valerosas pelejem contra mim, não temerei nenhuma mal, porque vós estais comigo, & diante de vós todos meus desejos. Riscai de minha vida o que não for de vósso gosto; eiaime de nouo, confirmandome na graça, que liberalmente me derdes, para que despreze todos os desejos desordenados, & se possa louvar este peccador no desejo de sua alma, & pretendendo so lograr

grar a vossa alegria verdadeira, entre a  
minha petição na vossa presença, & cõ  
grande confiança vos diga: Este desejo  
de minha alma se lhe conceda, porque  
sei, & sou certo, que ninguem vos po-  
de desejar a vos, se não for ajudado de  
vos, nem ir para vos, se vos o não le-  
uardes. Leuame por tanto, Senhor, &  
me concedei o continuar nestes bons  
desejos, para que os aperfeiçoe, & os  
acabe, com boas obras, antes que me  
aparte deste bom proposito. O antigo  
costume de meus vicios, & aquella an-  
tiga vontade fortalecida, não vença es-  
ta noua resolução, & faça que quando  
me agradaõ os concertos, torne a repe-  
tir as desordões, que costumaua. Vesti-  
me dos preciosos ornatos de vossa fau-  
de, & de vossa fermosura, & despojai-  
me dos sordidos vestidos de minhas cul-  
pas, não vos lembrem mais o passado de  
tantas descomposturas, para que vesti-  
do de nouo de vossa graça, feito nouo  
homem

*para bem morrer,*

31

homem, com nouo espirito, & com no-  
uidade de vida vos sirua sempre, & nos  
suauissimos cheiros de vossos vnguen-  
tos, correndo para vos, venha a ter os  
gostos eternos na companhia de  
meu Senhor Iesu Christo,  
que viue para sempre  
sem fim.



Acced

Acção de graças de hum peccador arrependido, depois de confessado, para falar com Deos depois da Comunhaõ.

**L** Mmentas graças vos dou, clementissimo Deos, & misericordioso Senhor, que lembrandome ainda tantos males como cometi, ja não tenho medo, nem me enuergonho de vos confessar minhas maldades, para que em mim se conheçaõ os extremos de vossas misericordias. Compedeeuios desta terra, & desta cinza, pois vos deu gosto reformar as desformidades de minha alma, preferuandome illeso daquellas aguas, para q̃ o profundo dellas me não absoruesse.

Para



Para o inferno caminhaua diligēte, sem me desuiar de seu caminho, se vós Senhor, me não tirareis do precipicio, & me encaminhareis para vós, que sois o caminho, a verdade, & a vida, & meu entendimento, escurecido. o não illustrareis com os rayos de vossa Diuina luz, para que vendome na terra do esquecimento, & na regiaõ da morte, clamara por vós no profundo de minhas ignorancias, & entaõ conhecera que sois vós o Deus salvador, que me resgastou, liurandome dos caminhos pessimos, de que foi necessario, arrancarme com força.

Com que vos pagarei Senhor, fermosura minha, suauidade eterna, pelos admiraveis modos que vzaistes, para encaminhar meus errados passos, pelas estradas de vossos preceitos? Leuauaõme elles esquecido de vos, pelos caminhos de minhas vaydades. Meu Deus, & meu amor, que longe andauaõ de vos meus passos

pãssos, quando vós mouido de piedade,  
reduzistes a obscenidade de minha vida,  
a melhor conselho, & meu animo indor-  
mito, & desentreado, com o froio das  
calamidades, & dos trabalhos, me guia-  
stes para vós. Com grande consolação  
me glorio em meus achaques, em mi-  
nhas enfermidades, & em minhas afflic-  
ções, para que viua em mira a vossa  
graça, a quem deuo o infinito que me  
perdoou, & que sendo tanto, se resolueu  
se em nada, como a giada se desfaz ao  
Sol; assim vos rendo, Senhor, infinitas  
graças, pelos trabalhos que padeço, q̃  
torão os que me abtiraõ os olhos, para  
saluar minha alma, & vos offereço o sa-  
crificio de minhas palauras, dizêdo nel-  
las: A benção ai, a Deos, alma minha, &  
não vos esqueçais nunca de seus bene-  
ficios, para que vos perdoe todas vossas  
maldades, pois he o q̃ fara os achaques,  
& que rime da morte, sabendo dar a vi-  
da que vos coroa com misericordia, &  
enche

enche de bens todos vossos desejos.  
Depois que me alumiastes, vedes a  
qui como me receberão vossas conso-  
lações, & vossas misericórdias, para que  
desprezando os desenganos que seguia,  
abraçasse os vossos preceitos. Por tão-  
to vos peço, gloria de minha alma, grande  
zade minha humildade, descanso de  
meus trabalhos, que não deixeis de me  
cõunicar auxilios, para que eu não  
desfaleça de repetir vossas liberalidades.  
Antes aceitai benigno o sacrificio de mi-  
nhas confissoes, das mãos de minha lin-  
goa, & cõmunicame espirito de temor,  
para que percebendo vossas promessas,  
se acrescentem os meritos de minha al-  
ma, com as esperanças dos regalos do  
Ceo. Debaixo da sombra da vossa mão  
me amparai, & no edificio da vossa mi-  
sericordia me refondei, para que como  
passaro, que não tem penas para voar,  
me não pizem os que passarem pelo ca-  
minho, antes mandai hum Anjo que me  
E  
guarde

## Soliloquios

guarde, para que viua em quanto vos  
quizerdes, & me ajunte ao numero de  
vossoz escolhidos, & com continuas ora  
çoẽs vos desperte, & vos possua, semin  
dolhe vós de tudo. Como o filho da  
Andorinha, ou como o filho da pomba  
que geme, assi me obriga que chore, ne  
ste valle de lagrimas, suspirãdo por vós,  
para me ajudardes em tantas necessida  
des, & para ficar liure de toda a tenta  
çaõ, atè o fim da vida, & me sustentardes  
com o vosso diuino leite, para que cobrã  
do a força de vossa virtude, em quanto  
corro, & viuo neste câpo de batalha, es  
queça tudo o passado, & me alargue pa  
ra os bẽs futuros, acompanhandoos &  
defendẽdo me, chegue ao fim desejado,  
& alcance o premio da vocação eterna.  
Amen.

Senhor Deos omnipotente, Criador  
do Ceo, & da terra, & Deos de toda a  
consolaçaõ, que nos consolais em todas  
noissas miserias, ouuindo o que nellas

vos chamão, meu amparo, & meu libertador, gloria minha, & minha fortaleza, meu refugio, para todos ſuaue, cuja misericordia, de hũa geraçãõ a muitas, perdoa os delictos, por amor de ſi meſmo. Vós lume, que nunca falta, admirauel para todos os mortais, habitando hũa lux inacceſſiuel, que nunca vio nenhũ homẽ, nem nunca a poderá ver, ſem o voffo lume da gloria; ouui eſta oraçãõ, q̄ vos faz eſte peccador, deſte valle de lagrimas.

Sei Senhor, de certo, que não ha ſabiduria, que não ha conſelho, que não ha fortaleza contra vos, que vedes a terra, & a fazeis tremer, que tocais os montes, & lançaõ fumo, q̄ turbais o profundo do mar, fazendo nos abifmos maravilhas, que produzis os ventos dos voffos theſouros, & fazeis os rayos em chuua, a cujo poder eſtã obediente tudo, a que ſe ſugeitaõ humildes os Anjos, proſtrado por terra vos peço, ó Deos de meu

coração, parte minha, Deos para sempre,  
 minha esperança, das entranhas de mi-  
 nha mãy, & que me ensinastes de minha  
 mocidade, não me desampareis, quando  
 meu rosto se fizer velho, & me for faltã  
 do a força; lembrai-vos deste vosso indig-  
 no escravo, que todo se vos entrega, to-  
 do se vos encomenda, para que quando  
 se levantar, & se embrauecer a tēpestade  
 me escondais debaixo da sombra de  
 vossas azas, & movido de vossa miseri-  
 cordia, me oculteis, em quanto passa o  
 vosso furor, ou para dizer melhor, este  
 vilissimo bichinho, escondeio nos bura-  
 cos da pedra, & nas concavidades da ro-  
 cha viua, pois he a pedra Christo, filho  
 querido vosso, cõ cujas chagas sarantos.  
 Não me julgueis conforme a gravidade  
 de meus peccados, nem entreis em jui-  
 zo com este vosso seruo. Se vós obser-  
 uardes minhas maldades, como me po-  
 derei sustentar? Os peccados da minha  
 puericia, as ignorancias de minha ado-  
 lescencia,

lescencia, todos vos esqueção, & purificai-me dos vícios que tenho ocultos, & até os alheos me perdoai, apartãdo vosso rosto de minhas culpas, & para perdoar-me, põde os olhos no rosto de vosso filho Christo, que por mim vos offereço, a quem vngistes com o oleo suauissimo de vossa a legria, a quem mandastes ao mundo, para que fosse o aduogado, q̄ nos alcançasse vossa piedade, fazendo o Sacerdote, segundo a ordem de Melchisedech, para q̄ por seu meyo, sentado à vossa mão direita, continuamente vos peça por nós. Todo vo lo offereço por mim, & todo me offereço a vos; sejaõ suas profundas feridas, & sua santissima paixão mezinha para mim, para q̄ aõde abundou o delicto (ó grande dor!) ahi mesmo seja superabundante a graça.

Perdoai Senhor, perdoai, todos meus peccados, & como fizestes ao publicano me fazei a mim. Não me fundô para me perdoai des, em minhas leuissimas justifi-

caçoões, sendo todo inutil, peccando cõ  
 tra o Ceo, & na vossa presença; so na vos  
 sa misericordia me estribo, que sendo in  
 numeravel, he sobre todas vossas obras.  
 Saluame Senhor, ainda que por mim o  
 não mereço, pela vossa Diuina clemência  
 me liurai da justiça, para que cante vos  
 sa piedade eternamente. Eu desesperára  
 da vossa justiça, senão fora certo da vos  
 sa misericordia. Vestistes-me de peile, &  
 de carne, & me formastes de nervos, &  
 de ossos, & assi conheceis a minha fra  
 queza, por tanto tende compaixão de  
 mim, como quẽ bem conhece minha fra  
 gilidade. Sabeis, Senhor, que fui conce  
 bido em culpa, & que em peccados me  
 gerou minha mãy, q̃ sou cinza, & terra;  
 mas desta sorte me fizeraõ vossas mãos,  
 & me fabricou o vosso poder; cubríme  
 com a vossa mão direita, para que se ca  
 hir, não quebre; & o mais certo he que  
 cahirei, porque sou de barro fraco, mas  
 vos me sustentareis; vos me contactes



os passos, pois agora me perdoai as culpas; não me negueis o rosto, mostrando todo o poder, contra hũa leue folha, q̄ arrebatada o vento, & perseguindo hũa erua secca. Não me arguais no vosso furor, nem me destrua vossa hira, antes dissei a minha alma, que sois a sua saúde, & a sua coroa, infinitamente grande. Em vos esperaraõ nossos Pays, & os liurastes, assi eu espero tudo felicidades da vossa benignidade, para que sempre me alegre na saúde que me derdes. Em vos sustentãõ minhas esperanças, & me leuãõ ao trono de vossa Diuina magestade, & quando eu conhecendome, me deuia enuergonhar de aparecer, não me corro de o pedir. A esperança se não cõfunde, daquelle que em vos espera, pois o assegura o Propheta: Porque esperei em mim, & eu o liurei. Conseruainme logo Senhor, por quanto esperei em vos; vòs que sois o caminho, verdade, & vida, com a vossa suauidade socorrei a este

# Soliloquios

pobre, que he miserauel necessitado, & deu eismo agora mais por amigo, & se vos me justificardes, quẽ me poderá con-  
denar? Pondeme perto de vós, & todo o inferno peleije contra mim. Como temerei os males, se vos estiueredes comigo? Estejamos ambos, & eu desprezarei todos meus contrarios. Fazei, Senhor, eterna, & summa bondade, que minha alma, & meu corpo, não corraõ perigo, nẽ o Demonio me possa fazer mal, & pois sou vosso, salua ime, cria em mim hũ coraçãõ limpo, & hũ espirito puro, em minhas entranhas, guiai meus passos, conforme a vossa doutrina; daime sabiduria, & intelligencia para poder sair, & entrar no vosso santo poio; fazeime viuer até que a morte me seja de proueito, & entãõ tenha lugar na terra dos vi-  
uentes, para que sempre acompanhe aos iustos. Amen.



LAUS DEO







